



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1

jan-jul.2025

p. 597-606

Entrevista com Pilão, autor do livro *Infinitos amores: um estudo antropológico sobre o poliamor*

(Interview with Pilão, author of the book *Infinite loves: an anthropological study on polyamory*)

(Entrevista a Pilão, autor del libro *Infinitos amores: un estudio antropológico sobre el poliamor*)

Ana Soares Teixeira Leite¹
Matheus Miranda Peres²
Ítalo Vinícius Gonçalves³

Antonio Cerdeira Pilão é autor do livro *Infinitos amores: um estudo antropológico sobre o poliamor*, publicado no Rio de Janeiro pela Editora Telha, em 2022. O livro é fruto da pesquisa de mestrado do autor, realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio Janeiro (PPGSA-UFRJ), sob a orientação de Mirian Goldenberg e defendida em 2012, tendo sido uma das primeiras pesquisas acadêmicas sobre o poliamor no Brasil. O livro contém 162 páginas e é dividido em seis capítulos: “Conversão”; “Prática”; “Identidade”; “Gênero e sexualidade”; “Ideologia”; “Amor e considerações finais”. O autor é mestre em Sociologia e doutor em Antropologia pela UFRJ, pós-doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) e em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e é pós-doutorando no Programa de Saúde Pública da USP.

A entrevista ocorreu em ocasião do lançamento do livro, em 2023, e foi divulgada, em cortes, no Instagram, e, completa, no YouTube do Pesquisas Não-Mono (Pilão, 2023). Ambas as plataformas digitais são meios de divulgação do grupo de pesquisa Políticas, Afetos e Sexualidades Não Monogâmicas (Não-mono, [20--]), do qual o entrevistado é coordenador, e que reúne pesquisadores sobre as não monogâmias de diversos locais do Brasil.

1 Psicóloga formada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Mestranda na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: anasoarestleite@gmail.com

2 Bacharel em Direito, professor e mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: matheusmperes@hotmail.com

3 Bacharel em Antropologia, mestre em Comunicação Social e doutorando em Teoria Literária, todos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: italoigoncalves@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 11/01/2024
Aceito em 28/05/2024

1 Antes de tudo, eu gostaria de parabenizá-lo pelo livro e perguntar um pouquinho sobre a história de como ele surgiu.

Pilão: Muito obrigado pela oportunidade, Ana, que, na verdade, nós construímos, uma vez que esta é uma atividade interna do grupo de pesquisa. Nossa ideia é também criar esse espaço no Youtube, Instagram, conversar um pouquinho sobre as nossas pesquisas, compartilhar um pouco os resultados delas. O livro vem justamente nessa ideia de apresentar a minha pesquisa de mestrado. Eu fiz tanto a minha pesquisa de mestrado quanto o doutorado sobre poliamor e relações não monogâmicas. No mestrado, eu desenvolvi essa pesquisa, que é um estudo sobre o poliamor no contexto brasileiro. Eu comecei a minha pesquisa em 2011 e defendi minha dissertação em 2012, e, agora, dez anos depois, estou transformando minha pesquisa em livro. Demoramos um pouquinho, mas eu entendo que o tema segue forte, ainda que atualmente a gente esteja muito mais preocupado com a categoria “não monogamia” que com a categoria “poliamor”. Todos esses debates surgem num dado contexto, a partir de 2004, mais ou menos, e ganham força em 2012. O livro, então, conta um pouco dessa história, como o debate sobre não monogamia, mais especificamente sobre poliamor, vai ganhando força no contexto brasileiro.

2 A gente poderia começar, então, pela conceitualização. Como você conceitualiza o poliamor? E o que você acha que mudou de lá pra cá?

Pilão: O “poliamor” é um termo que se refere à possibilidade de estabelecer mais de uma relação ao mesmo tempo, ou uma relação envolvendo mais de duas pessoas, com o consentimento de todas as partes envolvidas. E essa relação, para entrar na categoria de poliamor, presume que seja tanto consensual como também que haja possibilidade de vínculos profundos e amorosos. Hoje, pelo conceito de não monogamia, muitas vezes, as relações podem ser fluidas, superficiais, ou relações puramente sexuais, eventualmente, mas, para o conceito de poliamor, para estar inserido nessa categoria, é necessário que o relacionamento abra possibilidade não só para vínculos sexuais, mas também para vínculos amorosos entre mais de duas pessoas.

3 Você fez a pesquisa com grupos poliamoristas, há dez anos, por meio de fóruns na internet, certo? Nos fale um pouco mais sobre isso.

Pilão: Hoje em dia, para a Antropologia, não é uma grande novidade você fazer pesquisas que envolvam ambientes digitais. Naquela época, não era tão comum assim, lá em 2011, 2012, mas já estava se popularizando. Eu cheguei ao poliamor muito por acidente. Eu estava desenvolvendo uma pesquisa sobre amor e envelhecimento, tive uma mudança de tema e comecei a pesquisar



[sobre] relacionamento aberto. Pesquisando [sobre] relacionamento aberto, eu descobri que existia o poliamor, uma categoria que até então eu não conhecia, e pesquisando na extinta rede social Orkut, eu descobri um grupo muito numeroso e com muitas atividades e discussões profundas sobre o tema. Era um grupo que tinha mais de 1,8 mil pessoas, e esse foi o meu pontapé inicial para construir a pesquisa.

4 Você menciona, logo no seu prefácio, que os grupos poliamoristas eram majoritariamente compostos por jovens brancos, universitários, na faixa dos 22 aos 29 anos, e que, para eles, o poliamor aparecia mais como um ideal de honestidade e liberdade do que necessariamente como prática conjugal afetiva. Você também menciona a primeira união poliafetiva no Brasil, no campo do Direito, quando uma união poliamorosa foi regularizada, e isso contribuiu para que o tema fosse popularizado. Você considera que esse primeiro registro de união pode ter contribuído para estabelecer o poliamor como categoria conjugal e afetiva no Brasil?

Pilão: Quando o debate começa a surgir no Brasil, ali por volta de 2004, 2005, eram pouquíssimas pessoas que tinham conhecimento dessa palavra, então, realmente, não era algo popularizado, difundido. Eram pequenos setores de pessoas que, muito provavelmente, tinham contato com literaturas estrangeiras – considerando que a palavra “poliamor” vem do “*polyamory*”, em inglês, evidenciando essa tradução e incorporação de um debate que ocorria fora do Brasil. Então, essa incorporação era feita por alguns círculos compostos de pessoas universitárias, de camadas médias e urbanas, principalmente das grandes cidades, Rio, São Paulo, Brasília, Porto Alegre. Há, ali, uma característica de uma bolha muito localizada num certo grupo. Só que isso vai se expandindo e a palavra “poliamor” se popularizou de uma maneira muito expressiva. Ela se popularizou tanto que a palavra já não é nem mais tão bem aceita pelos próprios movimentos não monogâmicos, que estavam apenas nascendo naquela época, entre 2005 e 2012. A primeira união poliafetiva, de fato, contribui para promover um maior conhecimento público. Por quê? Porque quando se noticia a união do trisal de Tupã, que sai em todas as mídias e vira matéria no Brasil, e fora dele também, dessa união reconhecida no cartório de duas mulheres e um homem, ela favorece que o tema se torne mais discutido. Muito pelo choque, envolvendo a união de três pessoas, dada a nossa tradição legal monogâmica. Então, isso acabou gerando um debate público mais intenso, fazendo com que, hoje, o tema da não monogamia não seja um tema tão pouco conhecido como era [há] dez, 20 anos atrás.



5 Então, você considera que essa primeira união poliafetiva possibilitou que as pessoas “saíssem do armário”, digamos assim?

Pilão: É uma maneira de pensar! A gente pode pensar que as pessoas já eram não monogâmicas e poliamorosas, independente do debate público e da visibilidade do tema, mas eu já penso de uma outra forma. Eu penso que a prática está muito conectada aos conceitos. Se nós não discutíamos ou não estranhávamos a monogamia, se a gente não discutia a ideia de que é possível, e até desejável, estabelecer mais de uma relação ao mesmo tempo de forma consensual, qual é a capacidade das pessoas de levantarem essas possibilidades? Então, o debate público e a existência da categoria “poliamor” em circulação, de pessoas conhecendo outras que vivem dessa maneira, tudo isso fomenta a nossa mente e a nossa sensibilidade para pensar alternativas de relacionamento. Então, a difusão do conceito “poliamor”, e, mais atualmente, da palavra “não monogamia”, elas ajudam muito no nosso processo de questionamento da monogamia, de reconhecimento de que a monogamia existe e de reflexões sobre a possibilidade de relacionamentos diferentes desses moldes.

6 Então, você considera que a visibilidade da categoria “não monogamia” pode ter diminuído a relevância da categoria “poliamor”, ou uma coisa vai sendo acrescentada à outra? Como você vê essas mudanças dentro dos movimentos não monogâmicos de forma geral?

Pilão: Essa é uma pergunta difícil de responder, porque, no contexto dos Estados Unidos, quando surge o poliamor, no início dos anos 1990, a palavra “*polyamory*” vem como um substituto da categoria “não monogamia”. Então, primeiro vem a não monogamia para, depois, vir o poliamor. No contexto brasileiro, acontece o contrário: a palavra “não monogamia” não tinha força no início dos anos 2000, ela vem com a palavra “poliamor”, e também é muito posterior à ideia de relacionamento aberto, ainda mais anterior, remontando aos anos 1970. Só que há uma série de críticas que se desenvolvem no Brasil, algumas fora, mas outras mais no Brasil, que problematizam o poliamor. Então, a palavra “não monogamia” vem, no contexto brasileiro, como uma saída, para o entendimento das pessoas que estão tendo relações não monogâmicas, de que ela não funciona tão bem. Por quê? Por dois motivos principais: um se refere às relações livres, que era um modelo de relação muito forte no início dos anos 2000, que questionava o fato do poliamor não ser muito livre, já que existia relação fechada e relação a três que parecia uma outra forma de monogamia, e a crítica à falta de liberdade às relações poliamorosas fez com que as relações livres tivessem força no contexto brasileiro; o segundo motivo era por conta da palavra “amor” ser uma categoria muito



estigmatizada, por parecer muito higiênica e purista, uma forma de tirar a sexualidade, de relações mais livres e mais fluidas, que envolvam apenas conexões de desejo e sexualidade, mas nem tanto amorosas. Esses são dois motivos que contribuem para o fato da categoria “poliamor” ter perdido, de alguma forma, um pouco mais de espaço, em relação à categoria “não monogamia” hoje.

7 E sua pesquisa foi feita nesses grupos digitais: no Orkut, como você já disse, e no Facebook, posteriormente. Isso evidencia a trajetória desses grupos no meio digital. Você observa que a utilização das plataformas digitais para a popularização das relações não monogâmicas acontece até hoje. As plataformas digitais favorecem esses grupos a se organizarem politicamente, socialmente?

Pilão: Completamente! A gênese da categoria “poliamor” está totalmente atrelada ao desenvolvimento do fenômeno das redes digitais de comunicação. Há duas teorias acerca do surgimento do poliamor: uma vinculada à Igreja de Todos os Mundos, na Califórnia, Estados Unidos, e outra, que vem de um grupo de discussões da internet, o alt.polyamory, um grupo sobre não monogamia que mudou de nome, virando um grupo sobre poliamor. Então, ela nasce no contexto da internet, e isso possibilita que pessoas afinadas com esse modelo de relação, com essa ideia, consigam se congregar e discutir esse tema, mesmo que estivessem distantes espacialmente. No contexto brasileiro, acontece a mesma coisa. Quando se populariza a internet no Brasil? No início dos anos 2000, e é justamente no período em que a categoria “poliamor” passa a circular. Não há referências à categoria “poliamor” anterior aos anos 2000 na imprensa periódica brasileira, ou seja, ela começa a aparecer no início dos anos 2000, quando a internet já é forte e os grupos de discussão da internet, primeiro no Orkut e depois no Facebook – hoje em dia, temos o Instagram e o Twitter⁴ também –, passam a ser espaços importantes de produção de conhecimento, de troca, de apoio, e, até mesmo, de construção de movimentos políticos.

8 Você identifica diferenças, semelhanças ou aproximações entre os atores atuantes, hoje, em prol da não monogamia em comparação àqueles estudados no período da sua pesquisa?

Pilão: É uma outra pergunta importante. O debate sobre o poliamor, na primeira década dos anos 2000, está muito atrelado a uma crítica à monogamia, entendendo a monogamia como um mal, uma tradição religiosa que tolhe a nossa liberdade, a nossa possibilidade de desenvolver afetos plurais. É uma fala, portanto, que vem muito mais de uma prática, de uma vida, de uma

4 Em 2023, a rede social Twitter foi comprada pelo empresário Elon Musk e passou a ser chamar X.



perspectiva monogâmica, de uma crítica à monogamia do que necessariamente de pessoas que já desenvolviam relações poliamorosas há longos períodos. Então, nesse contexto, era muito mais uma crítica à monogamia, visualizando o poliamor como uma saída idealizada, como um paraíso. Há, no livro, alguns interlocutores meus que se referem ao poliamor como um céu, como uma faixa preta, como um lugar de evolução mesmo, entendendo o poliamor como algo melhor que a monogamia. Essa perspectiva mais evolucionista, vendo a monogamia como uma forma atrasada de relacionamento, repressora, mentirosa, menos igualitária, e o poliamor como mais livre, igualitário e evoluído, era muito comum naqueles tempos, e qual é a consequência disso? Que poucas críticas eram produzidas às próprias relações poliamorosas. Parecia um céu, não existiam problemas, e, a partir do momento que o poliamor se populariza, que os movimentos negros, feministas, LGBTQIA[PN]⁵ participam do debate público, começa a se questionar em que medida, dentro das relações não monogâmicas e poliamorosas, não se perpetuam opressões, assimetrias, desigualdades. Será que o poliamor pode realmente ser pensado como uma saída para todos os males da monogamia? Será que não se criam outros problemas a partir do momento em que você entra numa relação não monogâmica? Essa mudança de perspectiva, crítica às relações não monogâmicas, não estava colocada nos movimentos oriundos do início do milênio. Agora, há mais senso crítico, há mais discussões sobre negritude, racismo, colonialidade. Alguns debates estão situados no cenário político atual que não estavam colocados com a mesma ênfase dez, 20 anos atrás.

9 Mesmo com a popularização do debate, parece haver, ainda, uma certa resistência a essa temática quando observamos debates no Twitter e no Instagram, por exemplo. Parece não haver uma aceitabilidade estabelecida, ainda, sobre a não monogamia nessas plataformas. A que você atribui essa resistência? Na sua perspectiva, qual seria o principal motivo para a ocorrência dessas resistências?

Pilão: Em primeiro lugar, a gente precisa pensar que o fenômeno da não monogamia, embora não seja necessariamente novo, ele envolve algumas características próprias do nosso contexto histórico, que estão em fluxo, em intensa transformação. Se a gente pensar que as relações conjugais na sociedade brasileira, até a década de 1970, eram calcadas na monogamia indissolúvel, já que não existia divórcio, sendo a Lei do Divórcio [e da Separação Judicial] uma lei de 1977, a gente começa a pensar em como a formatação do que é um relacionamento, do que é

5 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binários e muito mais.



amor, de como a sexualidade deve ser conduzida, ela está vinculada, juridicamente, moralmente e culturalmente, a valores que não são muito bem conectados ao que está sendo discutido atualmente. Então, há, evidentemente, uma mudança muito forte na sociedade em relação à diversidade de gênero, de orientação sexual, e o debate sobre formas diversas de conjugalidade caminha a ritmos mais lentos do que sobre orientação sexual e diversidade de gênero. Ele é um debate ainda mais recente e que sofre resistência de vários setores. Então, a gente não pode pensar numa mudança como se a sociedade inteira mudasse junta, como um bloco. Como se, agora, a gente saísse de uma sociedade monogâmica e patriarcal e, subitamente, chegássemos num momento em que a diversidade impera. Uma ditadura do poliamor, uma sociedade gayzista, comunista, como alguns setores conservadores acusam. Essa mudança é algo gradual e que envolve contradições dentro do seio da sociedade. Têm setores, hoje, que veem a não monogamia como uma forma de se expressar, autêntica, original, que as empodera, e há outros que, atrelados a discursos, sejam eles religiosos ou outros arraigados dentro da nossa tradição cristã, contribuem para uma resistência muito expressiva.

10 A gente estava falando dessas resistências nas plataformas digitais e no senso comum, mas percebemos que há uma certa resistência, também, na academia. A que você atribui isso? Você acha que ela também se ancora nessas questões percebidas nas plataformas e nessas contradições trazidas pelo tema?

Pilão: Eu acho que a gente precisa pensar isso com um pouco mais de cautela. Se a resistência ao tema da não monogamia fosse tão forte, o nosso grupo de pesquisa não existiria, as nossas pesquisas não existiriam, os nossos livros não seriam publicados, as nossas dissertações, teses e artigos. Então, eu acho que, primeiramente, temos que pensar que as ciências humanas e sociais, de alguma forma, acompanham movimentos que ocorrem dentro da sociedade. Se estamos falando que o movimento do poliamor inicia enquanto identidade, categoria e discussão pública, no Brasil, no início dos anos 2000, a gente está falando de um fenômeno historicamente recente, de menos de duas décadas no nosso país. Então, eu vejo, com certa naturalidade, que não existe um número de pesquisas tão expressivas sobre essa temática tanto quanto a outros problemas que estão colocados no debate público há muito mais tempo. Há algumas resistências? Há! Há casos de programas de pós-graduação que consideram o tema menos relevante. Há essas disputas, mas são disputas que ocorrem tanto no tema das não monogamias quanto em outros temas, na legitimação daquilo que é fundamental de ser estudado. A gente pensa muito que, se numa sociedade em que a pobreza é tão forte, que a desigualdade econômica é tão forte, talvez o único tema justo para se investir dinheiro público seja este, né!? Mas, há muito tempo, a gente tem trabalhado com outras formas de desigualdade



que são relevantes para além da questão da renda, como a homofobia, LGBTfobia, desigualdade de gênero. Há outros problemas e marcadores sociais que se conectam com esse e merecem atenção. Eu acho que o nosso tema da não monogamia, das diferentes formas de conjugalidade, dos debates sobre afeto, amor, ciúme, família, também tem ganhado força nas últimas décadas. Também tem recuperado a força, pensando como o tema “família” tem sido discutido há muito tempo.

11 São questões que afetam as pessoas, de fato. Eu, enquanto psicóloga, vejo essas questões no consultório, sobre relacionamento, família. Então, é realmente um tema bastante relevante. Como você enxerga que o seu livro pode contribuir para esse debate? Tanto das plataformas, das relações não monogâmicas, quanto para um debate acadêmico e para esse debate dentro e fora da academia?

Pilão: Dentro da academia, eu entendo que o trabalho contribui para o estranhamento da monogamia como uma norma pressuposta. Muitos trabalhos sobre gênero, sexualidade e família presumem que as relações são monogâmicas. Eles não trabalham com a ideia de que, talvez, seus interlocutores não sejam monogâmicos. Eles presumem a norma na hora de organizar a pesquisa, de pensar o que é a família, pensar a estruturação familiar, pensar o que é uma relação, pensar o amor. Só que nós sabemos que, ainda que a monogamia, enquanto modelo de relação, seja predominante, hegemônica, existem outras formas de pensar uma relação que não estejam nesse parâmetro. Uma das importâncias é abrir o olhar para que a gente reflita e reconheça outras formas de vida que existem, de fato. Então, é muito estranho que alguém, um pesquisador ou uma pesquisadora, que identifica o seu tema como um tema que foi marginal em boa parte das reflexões acadêmicas, reproduza a marginalização de outros temas. Eu entendo que livros como esse contribuem para tirar a temática de dentro do armário e, de alguma forma, colocá-la no centro das discussões acadêmicas. Quanto ao debate público, que você colocou, eu acho que ele esteja acontecendo independente da academia. Tem uma série de atores políticos públicos discutindo a não monogamia pelo humor, pelo teatro, por trabalhos feitos por psicólogos. Enfim, há “n” formas que o debate da não monogamia está sendo produzido. Eu entendo que o papel de uma pesquisa acadêmica é trazer um olhar diferente, que está menos preocupado em dizer como as pessoas devem construir as suas relações, o que é bom e o que é mal, o que é certo e o que é errado, e, de alguma forma, contribuir para mostrar um pouco como a vida das pessoas é efetivamente construída, a partir dessa categoria ou não. A pesquisa é constituída pelas vozes das pessoas que se identificam como poliamorosas, seja pelas redes sociais, pelas redes poliamorosas que eu participei, ou pelas entrevistas em profundidade que eu produzi. É trabalhar com as vozes, as verdades, as



experiências, as dores, as sensibilidades das pessoas, pessoas de carne e osso, e menos com as minhas convicções pessoais e ideológicas sobre o amor.

12 Como você observa as convergências e as divergências entre os movimentos não monogâmicos e outros movimentos identitários? Principalmente aqueles movimentos atrelados a pautas de gênero e sexualidade?

Pilão: Eu percebo que o movimento poliamoroso, em contexto brasileiro, bebeu muito e se identificou com o movimento feminista, apesar das diversidades. Havia, por isso, uma afirmação do poliamor como algo intrinsecamente feminista e, ao mesmo tempo, LGBTQIA[PN]+. Essas pautas estão no berço da organização das discussões sobre poliamor, a ideia de que poliamor só é poliamor porque não é só relações para os homens; senão, poderia se manter o conceito de poligamia. Então, na gênese do poliamor, há a ideia de que as pessoas, independente do gênero ou da orientação sexual, podem construir relações plurais, não sendo um privilégio do homem branco cis. Essa é a proposta que está na gênese das discussões sobre poliamor. A questão que entra é que, do ponto de vista dos poliamoristas, a prática é necessariamente feminista ou idealmente feminista e LGBT[QIAPN+], como a idealização da bissexualidade, por expandir as formas de relação, sendo a bissexualidade e a pansexualidade, de fato, identidades e orientações sexuais mais difundidas no meio não mono como um ideal. A gente vê que não há a mesma atenção ou a mesma adesão do lado contrário, ou seja, muitas feministas, no cenário brasileiro, e pessoas do movimento LGBTQIA[PN]+ se posicionaram criticamente ao poliamor, entendendo-o como uma prática que privilegiava os homens, brancos e cis e, por isso, não entendendo o poliamor como um caminho para também quebrar algumas amarras e empoderar essas pessoas⁶ e suas práticas. Havia uma ideia de que o poliamor não se inseria ou não se encaixava com tudo isso. Claro que isso é um ponto de divergência. Há setores desses movimentos que estão mais alinhados aos debates não monogâmicos e outros mais críticos. Nisso, vale a pena ler o trabalho para acompanhar um pouco mais essa discussão.

Referências

NÃO-MONO: Grupo de Pesquisa Políticas, Afetos e Sexualidades Não-Monogâmicas. Não-Mono, Juiz de Fora, [20--]. Disponível em: <https://estudosnaomono.wordpress.com/>. Acesso em: 20 maio 2024.

6 Vinculadas aos grupos em questão: dos movimentos feministas e LGBTQIAPN+, mas também pensando nos movimentos negros, como vimos ao longo desta entrevista.



PILÃO, Antonio Cerdeira. *Infinitos amores*: um estudo antropológico sobre o poliamor. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Livro “Infinitos Amores: um estudo antropológico sobre o poliamor”, Antonio Pilão. Entrevistadora: Ana Leite. Grupo de Pesquisa Políticas, Afetos e Sexualidades Não-Monogâmicas, Juiz de Fora, 10 jul. 2023. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo canal Pesquisas Não-mono. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QR9_IhhXNmW. Acesso em: 20 maio 2024.

